

Estadão / Opinião / **Colunas**

# Opinião • Acesso a medicamentos em transformação: o que muda com novos canais no Brasil

O principal desafio não está na existência de novos canais, mas na organização dentro de um ambiente regulado

Por Cibebe Zanotta

14/05/2026 | 03h00

Notícia de presente    

A forma como a população acessa medicamentos no Brasil está passando por uma transformação relevante, impulsionada por mudanças no comportamento do consumidor, pela evolução dos canais de distribuição e por recentes avanços regulatórios. A promulgação da Lei n.º 15.357/2026 é um marco importante nesse

Embora a presença de farmácias nesses estabelecimentos já fosse uma realidade — em geral, posicionadas em áreas externas ou após os caixas —, a nova legislação viabiliza sua integração ao interior da loja, inserindo o serviço farmacêutico no fluxo principal de circulação de consumidores. Isso aproxima o acesso à saúde da rotina de compra e altera, gradualmente, a interação do paciente com o ponto de dispensação.

Ao mesmo tempo, a lei preserva os fundamentos do modelo regulatório brasileiro. A dispensação de medicamentos segue restrita a ambientes delimitados, com presença obrigatória de farmacêutico e cumprimento de exigências sanitárias estabelecidas. A ampliação de canais ocorre dentro de um arcabouço regulatório robusto, que busca equilibrar acesso e segurança.

Esse movimento também se estende ao ambiente digital. A jornada do paciente torna-se cada vez mais híbrida, combinando interações físicas e online. A busca por informações sobre sintomas, tratamentos e medicamentos já ocorre em grande parte na internet, influenciando decisões de consumo e comportamento em saúde, em especial quando falamos do autocuidado em saúde.

O avanço de plataformas digitais, aplicativos e *marketplaces* amplia as possibilidades de acesso e reorganiza a dinâmica de

da venda remota de medicamentos, por sua vez, foi concebida em um contexto anterior à consolidação dessas tecnologias e passa a demandar reflexão sobre sua adequação à realidade atual.

Nesse cenário, plataformas digitais, redes sociais e ferramentas de inteligência artificial ganham protagonismo. Ao mesmo tempo em que ampliam o acesso à informação, também evidenciam riscos associados à circulação de conteúdos não verificados ou descontextualizados, recomendações inadequadas e automedicação orientada por fontes não confiáveis e a generalização de experiências individuais pode gerar riscos sanitários.

Isso reforça a necessidade de qualificar a informação em saúde, com base em evidências científicas, linguagem acessível e fontes confiáveis. A informação passa a ser um componente central da segurança, tão relevante quanto os aspectos logísticos e regulatórios.

A experiência internacional mostra que diferentes países adotam modelos variados de ampliação de acesso, com graus distintos de regulação, supervisão e integração entre canais físicos e digitais. Apesar das diferenças, o elemento em comum é a manutenção de mecanismos que garantam qualidade, rastreabilidade e responsabilidade ao longo de toda a cadeia.

supermercados e o avanço digital indicam uma reconfiguração gradual dos modelos de acesso, com impactos sobre o varejo, a concorrência e a experiência do paciente.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, iniciativas que ampliam o acesso a soluções de saúde, quando bem estruturadas, podem contribuir para a sustentabilidade dos sistemas, otimizando recursos e reduzindo a pressão sobre níveis mais complexos de atendimento.

No contexto brasileiro, há evidências de que o uso adequado de medicamentos em casos de menor complexidade pode reduzir atendimentos desnecessários e direcionar a demanda para níveis assistenciais mais apropriados.

O principal desafio não está na existência de novos canais, mas na organização dentro de um ambiente regulado, garantindo três elementos centrais: segurança sanitária, informação qualificada e uso responsável.

A construção desse modelo exige diálogo contínuo entre indústria, varejo farmacêutico, plataformas digitais, profissionais de saúde e reguladores. Mais do que acompanhar uma tendência, o setor vive uma adaptação estrutural, cuja condução terá impacto

A discussão está em curso e aponta para a necessidade de compreender as mudanças em andamento e estruturar caminhos que conciliam inovação, conveniência e rigor regulatório.

## Opinião por Cibele Zanotta

Presidente-executiva da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Cuidado em Saúde

Compartilhar 

Siga nas redes 

 Siga o Estadão no Google

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

## Tudo Sobre

medicamento

### 0 Comentário

33 online